

REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA

SUMMARIO. — Considerações sobre a classificação das sciencias. —
O Exilado. — Poesia: Mussina. — Chronica

Considerações sobre a classificação das sciencias

(Continuação)

Sob esta epigrapha escrevemos, no penultimo numero desta revista, um artigo que por incompleto promettemos continuar.

Diversos pontos ferimos alli cujo desenvolvimento aguardamos para aqui.

E' chegada a occasião de o fazermos, mais como cumprimento d'uma promessa do que como complemento d'um trabalho cujo unico merito é o de lembrar o assumpto para que alguns se o vá estudar. O assumpto é importante, o author é incompetente. Ninguém mais do que nós reconhece essa incompetencia. Tratar da classificação das sciencias, embora considerando-a ligeiramente, não compete a um estudante. Quem tem apenas os rudimentos das sciencias não pôde nem deve tentar classificá-las. E' trabalho que pertence aos sabios: só estes o pólem fazer com plena consciencia. Tambem o nosso fim, já o dissemos, é concorrer com o nosso fraco contingente no sentido da classificação de Comte. Parecerá, talvez, que não trabalhamos nesse sentido e que, o dizendo, somos contra-

dictorio, pois a classificação de Comte apresentamos modificada. Não: agora vimos affirmar. Pareceremos illogico. A razão é outra: somos mais ballo de forças do que de logica. Se é dado ao genio caminhar em linha recta, se, dissipando a treva, demolindo e erro, affirmando a verdade, avança sempre, marcha accelerado, não o é dado a todos, não o pótem muitos. Nem sempre os que qu-rem manifestar sua adhesão aos trabalhos do genio podem andar pelo caminho mais curto, nem sempre podem seguir sem descansar. Muitas vezes descrevem trajetórias sinuosas, seu caminho é curvilíneo. Então ha maximos e minimos; ha pontos singulares. São os marcos do repouso. Então ha periodos de silencio. O pensamento tem soluções de continuidade; a derivada do trabalho é zero. Com nosco dá-se isso, para chegarmos á classificação de Comte andamos por uma curva sinuosa, afastamo-nos para depois nos aproximarmos. Foi por isso que, em nosso trabalho, apresentamol-a modificada; não a podémos obter directamente. Seria facil obtel-a: repetindo o fundo e a forma do mestre. A gralha, ás vezes, traz as pennas do pavão.

— Cumpre que desempenhem-nos de nossa promessa tratando de justificar aqui a alta racionalidade da classificação de Comte. Para o fazermos, transcrevemos a ordem de collocação das sciencias fundamentais, a que nos levou o nosso trabalho; é a seguinte:

Mathematica abstracta.....	{ Analyse.
	{ Geometria.
	{ Mecanica.
	{ Physica.
Mathematica concreta.....	{ Chimica.
	{ Biologia.
	{ Phrenologia.
	{ Sociologia.

Transcrevemos tambem a classificação de Comte:

Mathematica	{	Abstracta		Analyse		
		Concreta	{	Geometria		
				Mecanica		
Physica..	{	Inorganica..	{	Celeste ...		Astronomia.
				Terrestre.	{	Physica prop. d.
		Organica.....	{	Chimica.		
				Biologia.		
				Sociologia.		

Nota-se logo, em nosso trabalho, a falta da Astronomia depois da Mecânica. Vejamos quaes as razões que teve o grande Comte para considerá-la como segundo termo de sua escala. E' que elle não teve em vista unicamente a classificação das sciencias. Comte foi um grande reformador; teve em vista a reorganização da sociedade. Ellaborou a cyclopaedia que devia começar pela systematização do espirito positivo, pelo estabelecimento da *Philosophia positiva*, erigindo-o em bom senso popular em *systema philosophico*. A classificação de Comte devia estar de accordo com esse bom senso, devia corresponder á manifestação e desenvolvimento espontaneos do espirito humano. Além pois de outras considerações, a que devia satisfazer, era mister que satisfizesse a esta: corresponder ao desenvolvimento espontaneo da sciencia. D'outro modo a *philosophia* que a tivesse como base não seria a natural. Esta condição está preenchida; por esse lado a classificação é boa, é optima, é a unica possível. Antes da positividade physica e chimica houve a positividade mathematica e astronomica.

A Astronomia como sciencia positiva vem da escola d'Alexandria. Hipparcho continuou os trabalhos de Thales e Pythagoras. Se estes por seus estudos de Geometria fizeram com que as figuras geometricas, substituíssem osapparellus e machinas (globos, espheras armillares, regens parallacticas, circulos equatoriales etc.) empregados na apreciação do movimento diurno; aquelle creando a trigonometria empregou a algebra nessa apreciação. Apreciou mais: explicou os eclipses, chegou a predizê-los.

A Astronomia mathematica estava constituída. Mas os conhecimentos astronomicos não começam de Hipparcho, vem de mais longe; não vem de Thales, vem de mais longe. O Museo d'Alexandria guardava as observações astronomicas de vinte seculos. Seus archivosh guardavam as communicações nocturnas dos Chaldeos, e mais estrellas, no observatorio do templo de Baal. Callisthenes enviara a Aristoteles as observações astronomicas encontradas em Babilonia. Essas observações denotam um conhecimento avançado dos phenomenos astronomicos. A duração do anno tropical fora determinada: o erro era d'alguns segundos. O anno sidereal fora fixado: o erro era de poucos minutos. Era conhecida a precessão dos equinoxios. Era conhecida a causa dos eclipses: antes de Hipparcho os Babilonios a tinham achado; suas observações sobre essa ordem de phenomenos remontam, a oito seculos antes de nossa era.

Havia noções sobre o systema solar ; a ordem de afastamento dos planetas em relação ao sol era conhecida.

A direcção das sombras tinha sido observada e d'aí a construção dos gnomons para a medição do tempo. Havia sido então applicada, para esta medição, a variação dos phenomenos naturaes: dahi os clepsydras—relogios d'agua.

Era nos archivos do Museo que se achava toda essas observações, feitas antes que os Ptolomeos tivessem fundado a escola d'Alexandria. Se nesta escola havia uma secção para o estudo da medicina, as havia tambem para o estudo da Mathematica e da Astronomia. As noções da Mathematica haviam começado pela arithmetica: a noção do numero é a mais simples e a mais geral. A Geometria acompanhava. Thales mede a altura das pyrares por da sombra. Para Pythagoras os numeros são o principio de todas as cousas ; a alma é um numero. Demonstra a proposição do quadrado da hypotenusa. Archimedes é o maior geometra d'antiguidade. Apollonio trata das secções conicas dá nomes á ellipse e á hyperbole. A Geometria que se desenvolve exige a Algebra. Se o vasto genio de Aristoteles, estabelecendo a doutrina dos quatro elementos substituiu o principio absoluto de uma substancia elementar pelo principio relativo da multiplicidade dos corpos simples, e dava origem á Chimica, pois então era possível conceber-se a composição e decomposição dos corpos; se é facto que Archimedes conhecia a optica—defendia Syracusa com os seus espelhos ardentes ; se é facto que ao lado da secção de medicina no Museo havia uma sala destinada as operações anatomicas; se é certo que Ptolomeo Philadelphio com medo da morte, estabelecera no Museo um laboratorio d'onde devia sair o elixir de longa vida, sonho doirado dos alchimistas ; se é certo pois que os conhecimentos physicos e as primeiras indagações no sentido da Chimica nos vem desde muito longe, é certo tambem que a Physica só começou a ter um caracter positivo depois das observações de Galiléo, e que a alchimia se transformou na Chimica só depois de Priestley e Lavoisier.

Procurámos dar uma idéa de como o desenvolvimento espontaneo da razão humana começou pela Mathematica e Astronomia.

Uma classificação que tivesse pois em vista esse desenvolvimento, não podia deixar de considerar como seus primeiros termos estas duas sciencias.

Depois, Comte precisava systematisar a logica positiva ; esta resulta da unidade de methodo e da homogeneidade de conhecimentos. Comte devia ensinar o methodo

que não se aprende pelo estabelecimento de regras abstractas dictadas pela razão pura dos metaphysicos, porém pelo estudo das sciencias. Cada sciencia tem seu gemo particular; imprime ao methodo geral positivo uma feição característica. A arte de observar recebe de cada sciencia o aperfeiçoamento em um dado sentido. A mathematica nos ensina a deduzir. A deducção su põe bases, isto é, factos. Deduzem-se leis, observam-se factos. Observar para deduzir — é um corollario do dogma — invariabilidade das leis. Começar por onde? Pelo possível, pelo facil, isto é, pela Astronomia. Aprender a observar, estudando esta sciencia, é uma necessidade.

Quanto mais simples a sciencia menor é, no seu estudo, o numero dos processos diferentes empregados pela arte de observar. A Astronomia é simples, seu gemo não permite o concurso de muitos methodos para observar; exige o emprego da observação propriamente dita. E' pelo estudo de esta sciencia que este methodo se aperfeiçoa. E' o primeiro que se deve aprender; constitue o fundo de todos os outros; pois a Astronomia, que o ensina, é a primeira sciencia natural que se deve estudar. Para que este methodo seja instituido, os phenomenos a observar devem ser simples. Os phenomenos astronomicos são os mais simples; são phenomenos geometricos e mecanicos. Não ha coefficients praticos. A gravitação explica os movimentos. O movimento resultante é decomposto pela Mecanica em dois movimentos componentes. Está claro que não fallamos nas perturbações planetarias. Considerando-as, tem-se os phenomenos mais e implicados da Astronomia: são problemas da geodesia — o problema dos tres corpos — e de extrema difficuldade, insuperaveis a analyse. Entretanto, o mais complexo phenomeno astronomico é mais simples que o mais elementar phenomeno terrestre. Estudando os phenomenos astronomicos, onde as observações são facis, tem-se uma necessidade.

São phenomenos tão preciosos que é este o unico methodo possível em seu estudo. A EXPERIENCIA supõe que o observador possa influir sobre a produção do phenomeno. Os astros influem sobre o homem, o homem não influencia sobre os astros. A comparação exige unidade e variedade: unidade, no fundo do phenomeno; diversidade, nas circunstancias que o acompanham. Quer dizer: uma serie de phenomenos semelhantes, modificando-se successiva e continuamente. A comparação dos organismos necessita do phenomeno da vida, variando successivamente, de de a alta até o homem. Essa serie de phenomenos

menos, tornando-se cada vez mais complicados, desde o caso mais simples, até o mais composto, não ha na Astronomia. Os casos das estrelas multiplas, na Astronomia sideral, pôtem servir para assemelhação de outros mundos com o nosso; mas, parece-nos, não se prestam à instituição da comparação scientifica. Sem a observação propriamente dita, base da experimentação e da comparação, não se pôde estudar a physica terrestre. Necessidade, portanto, de seu estudo precedido pelo da physica celeste. Razão sobre a qual Comte, quando considera a Astronomia depois da Mecânica. Além dos motivos de methodo e desenvolvimento espontâneo das sciencias, justificando a classificação d'este Sabio, ha os motivos já mencionados da simplicidade e dependencia dos phenomenos.

Vê-se, agora, que se a ordem que apresentamos para a collocação das sciencias foi, parece-nos, deduzida logicamente, é que tivemos mais e a vista o subjectivo do que o objectivo. Não tivemos presente ao espirito a necessidade do methodo. A classificação que se affastar desta condição não pode ser adoptada como base de uma reforma de ensino para a reorganisação social.

Tendo assim procurado justificar o lugar dado por Comte à Astronomia, consideremos agora a Barologia. No trabalho que apresentamos, deu-se um outro lugar, que não o que lhe deu o grande Reformador moderno. Agora, é facil de vêr-se que o lugar assignado por este Sabio à Barologia, como primeiro ramo da Physica, é exactamente, quanto à ordem de collocação das sciencias, aquelle que lhe compete. Numa classificação cujo destino é o da de Comte, e que tem como segundo termo a Astronomia, não se pôde deixar de passar do estudo dos phenomenos que apresentam os corpos actuados pela gravitação, ao estudo d'aquelles que apresentam os corpos actuados pela gravidade: ao estudo, portanto, da Barologia. Se uma boa educação scientifica exige que, estudadas a Geometria e a Mecânica, se as applique a estudo da Astronomia, essa educação exige também que, estudados os phenomenos geraes da gravitação, se desça aos phenomenos mais particulares da gravidade. Assim o exige o methodo pela simplicidade e generalidade, os phenomenos astronomicos são os mais proprios para nos iniciarem no methodo de observação, os phenomenos da Barologia, pela sua simplicidade, precisão e generalidade em relação a todos os outros phenomenos da physica terrestre, são os mais proprios para nos iniciarem no conhecimento do methodo de experimentação, methodo cujo estudo a exploração das outras

partes da *Physica*, e da *Chimica*, completa. Quando á prioridade do desenvolvimento espontaneo deste ramo da *Physica* em relação aos outros, é também respeitada nesta classificação. Realmente: o conhecimento da *Barologia* vem de longa data. Que o atestem os trabalhos de Archimedes e de Aristoteles. Um estuda o peso dos corpos solidos — chega a noção do centro de gravidade; e estuda o equilibrio dos corpos immeros: franquea o campo da *Barologia* estatica ao dominio da *Mecanica*. Outro estuda a queda dos graves e conhece que o movimento é *acelerado*; procura o *como* e engana-se, suppondo a *velocidade* da queda proporcional ao espaço percorrido. Só mais tarde Galiléo viu esse *como*: *velocidade* proporcional ao tempo, espaço na razão do quadrado do tempo. Então concluiu: os espaços percorridos em unidades successivas de tempo estão entre si como a serie dos *numeros impares*.

Não foi só esta a chave com que Galiléo franqueou o campo da *Barologia* *dynamica* á *Mecanica*: ampliou o estudo do movimento de translação, estabeleceu a theoria do movimento dos *projectis*. Estabeleceu a incompleta, não considerando a *resistencia do ar*.

Newton reconsiderou a questão; reconsideraram-na Euler e Piobert. Formaram *hypotheses* para exprimir a lei d'essa *resistencia*.

Se essas *hypotheses* nunca traduziram a verdadeira lei, têm mais ou menos satisfeito ás exigencias de *Balística*, quer na *artilharia* lisa quer na *rainda*. E' assim que, se nesta é applicada a *hypothesis* de Newton, n'aquella se considera a de Piobert proposta por Didion e modificada por Thiroux.

Ainda por este lado, isto é, quanto ao desenvolvimento espontaneo, a *Barologia* occupa o lugar que lhe compete na *sabida* e *classificação de Comte*. □ *compe*

Temos a sim justificado esta *classificação*, mostrando ao mesmo tempo que se na ordem de collocação em que dispozemos as *seiencias* em n'osso trabalho, não se achavam collocadas nos devidos lugares a *Astronomia* e a *Barologia*, é porque n'esse *trabalho*, attendemos mais ao *subjectivo* do que ao *objectivo*. Estabelecemos o nosso criterio sem considerarmos devidamente o mundo exterior.

Chegamos a uma *classificação* que, como vimos, não corresponde nem ao desenvolvimento espontaneo do espirito humano, nem ás exigencias do *methodo*.

Considerada debaixo do ponto de vista verdadeiro-mente positivo, está longe de convir. Toda a *classifi-*

cação, que não constituir uma base sólida para o desenvolvimento do Positivismo, deve ser deixada de parte. Classificar as sciencias muitos o podem fazer; classificar as convenientemente, eis o que é difficil. E' Comte quem nos diz que das 720 classificações diferentes que se pode obter com as seis sciencias fundamentais, por elle consideradas, não ha uma só talvez, em favor da qual não se possa fazer valer algumas razões plausiveis. Escolher d'entre essas 720 permutações aquella que melhor convem, só foi dado a Comte.

Nosso trabalho nos tendo, pois, levado a classificação que apresentamos, desde que quizssemos considerar as nossas condições de existencia no planeta que habitamos, desde que attendessemos que os phenomenos da physica celeste influem de um modo capital sobre os da physica terrestre, não podiamos deixar de passar a classificação de Comte.

Prometteramos também justificar a denominação que demos de mathematica concreta ao conjunto das sciencias fundamentaes seguintes: Geometria, Mecanica, Physica, Chimica, Biologia, Phenologia e Sociologia.

Dizem os etymologistas que a palavra mathematica significa sciencia.

Foi o nome dado pelos Gregos ás primeiras sciencias cultivadas — Calculo e Geometria, por considerarem, então, como sciencias unicamente esses dois termos da escala encyclopedica. Hoje, já não se pensa assim; tolos os termos da escala ou são sciencias positivas ou tendem a ser. Todas teem por fim, a descoberta das leis dos phenomenos. Qualquer uma d'ellas será tanto mais perfeita, quanto melhor comporta como auxiliares e instrumentos de deducção a applicação das anteriores. Todas têm por objecto o estabelecimento das equações dos phenomenos, equações que a analyse resolverá ou não. Esta estabelecol-as é, segundo Comte, o caracter de mathematica concreta. Quer nos pareça que este Philosopho só deu um tal nome ao conjunto da Geometria e Mecanica, por ter considerado, depois destas sciencias, a Astronomia e Barologia, onde não ha leis a descobrir, porém a applicar. Confirma-nos esta opinião o observarmos que depois de definir como mathematica concreta, unicamente aquellas duas sciencias e não podendo dar esse nome a Astronomia e Barologia, considera a Thermologia, depois dos trabalhos de Fourier, como um terceiro ramo da Mathematica concreta. E' que a Thermologia, depois do aperfeiçoamento que lhe imprimiu Fourier, já estabelece

equações de phenomenos calorificos. O que se dá com este ramo da Physica, dar-se-ha com os outros, dar-se-ha com as outras sciencias que consideramos, desde que estejam sufficientemente exploradas. O fim d'uma é identico ao fim das outras; ha apenas a differença na difficuldade que apresentam.

Se para umas pode-se esperar, pelo seu desenvolvimento futuro, o estabelecimento de taes equações, para outras, devido á grande complexidade dos phenomenos correspondentes, semelhante esperança nunca passará de uma chimera. E' o proprio Comte quem nobis affirma. A applicação da Analyse a uma sciencia, é um symptoma do seu adiantamento. Esperar, porém, a appareição deste symptoma, em sciencias cujos phenomenos estão sujeitos a uma serie de circumstancias variaveis, cujas relações jámais se fixará, é uma utopia. Onde não ha relações fixas não ha calculo. Nem por isso, porém, o fim dessas sciencias deixa de ser identico, para que o nome de mathematica concreta, que caracteriza seu destino, não convenha a todas.

Uma outra promessa nossa era justificar a ordem de collocação, que demos ás grandezas quando procedemos a construcção da nossa escala.

Tinhamos de justificar o primeiro lugar dado á extensão como a mais geral, e aquella cujos phenomenos são os mais simples; depois, o segundo lugar dado a gravidade etc.

E' um trabalho cujo complexo de considerações nos levaria a um grande desenvolvimento. Essas considerações quaesquer que apresentassemos neste sentido, desde que não fossem viciosas, já o terião sido feitas, sem duvida, por Comte. Não convém, portanto, trucidar aqui o que foi feito magistralmente.

Rio, Junho de 1879.

LACINIO CARDOSO



O Exilado

Do (romance SOFFRIMENTO E REDEMPCÃO)

Ante á imagem muda, quêda, tetrica e fria, porem dilacerante, do infortunio que consome lentamente, expira a vingança — impetuosa, desganhada, louca, febricitante e terrivel na sede que a devora.

O Protagonista : « Chegando em Paris, corri os olhos em roda de mim, por toda parte, avido por encontrar as victimas que me atraíam : porem nem vestigios ! Um mez, dois, tres e mais, frequentando todas as funcções, sempre em constante peregrinação, e nada !

Um dia, deparei com alguns collegas de meo tempo de bandido, e, rememorando, em um minuto de calma, o meo espirito a esta epoca, tive remorsos de minhas libertinagens. Ao mesmo tempo, lembrei-me de uma obra de caridade que eu praticára ali, quando estudante, e esta idéa, ajudada pela vingança, extinguiu o remorso de meo espirito.

Entreí de novo a procurar as minhas victimas, sempre de punhal esuso com a cintura. Vingança !.. Vingança !.. era a unica palavra que se escapava de meos labios ! Era preciso fazer desaparecer aquelles espectros sinistros, dissipar aquellas sombras hediondas da luz do dia !

Na centesima noite que eu passava ali, atravessando uma rua, completamente disfarçado, por junto de um grupo estacado em uma esquina, curiosa como andava, me approximei d'este grupo de omes, informações ou mesmo encontrar aquelles que avidamente eu procurava. Collei os ouvidos ás suas palavras : tratavão de um criminoso de fama, que, havia alguns mezes, tinha sido desterrado para a Oceania ! Um grande sobresalto de coração abalou-me todo o corpo. Me approximei mais e mais, e, prestando ouvido attento, ouvi pronunciar o nome de Arthur de Aguiar !

Um gemido surdo, sumido e sombrio como o som de um corpo que fende o inhospito ambiente de in-ou-avel vora-gem, se escapou de meos labios : era precursor de um grito d'alma, da phrase — meo filho ! — que partindo do coração fora impellida por todas as suas forças ! Cahi por terra.

Ai senhor! figurai, imaginai, creai em vossa mente, um pai desarmado da vingança por este modo, e aqui-latai a minha dôr. A Providencia acabava de me desarmar de to-lo! Esqueci completamente o infame que roubára minha filha, e, depois de verter lagrimas de sangue, me determinei ir visitar Arthur no exilio.

E ain la teria eu forças, coragem e resignação para representar este papel? Sobreviveria á viagem de amarguras que ia encetar? — O coração de um pai, porém, sem consultar os laços membros que mal se movião, impunha ao espirito a satisfação de seo querer.

N'este mesmo dia, semi-vivo, semi-morto, carcomido pelas dores, sem mais um seítel de honra, me dirigi á Oceania. Ia beijar meo filho, meo charo filho, o exilado.

Exilado! Palavra esta cruel, acerba e amarga aos labios que a pronunciação. Exilado!... sim! o sem pai, sem mãe, sem irmãos, sem amigos, sem venturas, sem caricias, a sós, triste e infeliz! Cadaver onde ainda palpita vida, porém toda eivada de dissabores! Cabeça onde ha idéas, porém sombrias e lugubres; como as trevas! Peito onde ainda existe um coração, porém cercado de acerbas lanças!

Exilio! Punição detestavel e nefanda que vai de encontro ás leis naturaes que regem nossos corações! Expição deshumana que nos dilacera a alma aos poucos, como cancrio voraz que é de nossos peitos!

Oh! desgraçado, tres vezes desgraçado aquelle que nascendo leve por sorte tragar o duro e amargo pão do desterro! Infeliz, tres vezes infeliz aquelle cujos labios, já tendo provado, em tempos mais ditosos, o manjar, o nectar da terra natal, se vê forçado a beber o calice repleto da cicuta, do fel do exilio!

A mão mirrada d'esse misero tentou uma, duas, tres vezes levar aos labios esse calice a transbordar de amarguras; porém de balde! Uma, duas, tres vezes volta contra a vontade de quem já a susteve, e depois o fel onde o receberá...

O anjo suffocado por gemidos, interrompê o fio de seo discurso, e, surdamente, Roberto, que o escutava, ouvia elle dizer: « Arthur! Arthur! meo filho! que negra estrella toldou os horizontes de tao pai?! que anjo máo roçou-lhe o berço com funestas azas?!... »

Depois, proseguio em uma attitudão arrogante de desespero:

« Oh! nem ha na especie humana, quem não estremeça de terror ao surgir-lhe á mente idéa tão sinistra! Não

ha ente tão bastardo, de cujos olhos não se deslize uma lagrima ao lembrar um passado de carícias, mesmo no gozo de um presente de venturas, quanto mais de dis-
sabores!

E haverá, senhor, no humano dialecto, linguagem que possa descrever a saudade, a tristeza, a dôr e o desespero do proscripto?

Roubai, por um instante, a luz aos vossos olhos; vendai-os, para que elles attingir não possam a immensidade de vossos mares, a extensão de vossas praias; para que elles ver não possam o verde de vossos campos matizados de flores, de vossos prados, de vossos outeiros, de vossas montanhas; trancai os vossos ouvidos, para que elles ouvir não possam os gorgeios melódiosos de vossas aves canóras; para que presentir não possam o brando e suave ciciar da briza nas folhas de vossos coqueiraes; e, n'este chãos terrível em que vos puz,—fazei uma pequena idéa, calculai o exílio!

O exilado é cego, porque não vê o que deseja. Elle lembra o céu que circumdava o seu patrio solo, o mar onde esse céu se mirava, os campos, os prados, as varzeas, e de tudo isto se reflecte a miragem em sua imaginação, espelho fiel que azeda seus males, que aviva suas dores e que augmenta suas saudades. O exilado é surdo, porque de pé, quer sobre a collina, quer sobre a escarpada rocha do exílio, attento procura distinguir uma voz, um som, um echo apenas das melodias que outr'ora lhe extasiava o viver, e só ouve o carpir das vagas, o som monotonno e triste dos agoureiros cantos que lhe pranteão as delicias da existencia!

O cão desviado, que em estranhos campos sente-se perdido, lembra ao senhor, ao amigo, seu companheiro,—chora, e manda seus uivos á solidão! A rola que, impellido pela -ecca, deixa seus bosques, embóra tenha depurado com rico oasis, ao lembrar suas arvores, ao pouso, ao ninho,—solta ao vento suas endêchas! Qual não será, pois, a saudade, a dor, o desespero do ser humano, do ser pensante, que tem uma alma onde o sentir é mais profundo? Acrescentai a este martyrio o remorso de ter desprezado um pai velho e enfermo, a vergonha de trazer estampado na fronte o estigma de máo cidadão, o ferrete da infamia e da deshonra!

Ai!... elle se estorce em dores: seus pés torrão as plantas em que pisão; seus labios transformão manjares em veneno; seo alito impesta e murcha a flôr mimosa; e

o engeitado da sorte só pisa em brazas, só bebe absinthio, só inspira podridão!

Não é este o seo maior martyrio! Elle lembra, na hora do infortunio, o charo pai, a irmã extremosa e o irmão amado que erão, na infancia, assíduos companheiros de seus brinquedos infantis, fieis confidentes de seus segredos e partícipes de suas tristezas pueris. Esta recordação dolorosa lhe carcome o peito! O infeliz sente a cabeça escaldada em febre, e delira:

Julga ter regressado aos patrios lares! Ajoelha aos pés do pai idolatrado, pede-lhe perdão, e avido lhe beija as sacrosantas mãos! Chega os labios, e, sem ter em nada roçado, beija a irmã adorada! Abre os braços, e, sem os haver cerrado, dá o terno amplexo ao irmão querido! Estende a mão por onde apenas passa a viração, e crê haver apertado o amigo de infancia! Sem haver mudado de lugar, immovel como um penhasco, corre a casa onde nascera: vai à sala grande, à sala do jantar, entra no quarto onde tivera luz, e ali mira o tecto, as quatro paredes e o chão que o viu nacer, deixando rolar pelas faces grossas lagrimas de saudade; corre à copa, à cozinha, vai ao quintal, e ali ainda encontra o mamoeiro, a goiabeira, a figueira velha d'onde roubára em menino o ninho do sabiá, o lago ameno onde se mirava, o caminho predilecto e tudo! Extasia-se até em presença d'aquillo que d'antes lhe era indifferente, e tudo se apressa em devorar com os olhos! Procura beijar de novo o pai amado: vai a seo encontro; e, no esforço do supremo gozo, acorda-se, depára com a triste realidade e, como o suicida que falseia às bordas do abysmo, — cahe livido, macilento, desfigurado e sem vida, sobre o chão, que fará as vezes de mesa aos abutres que terão por iguarias seo corpo! . . .»

O misero velho delirava, descrevendo esta scena triste, que representava tão compenetrado como, se de facto, se estivesse passando comsigo o que expunha! De seus olhos se desprendião centelhas de fogo, que electrizariam a propria fôra, se o visse! Era triste e doloroso ver-se aquelle infeliz a braços com as proprias desgraças. Ora, levava a sua cholera, a sua indignação ao auge, clamando contra a sociedade corrupta que perdera seu filho, contra a sociedade deshumana que creára um tal castigo; ora, acalmando-se pouco e pouco, tornava-se sublime, pathetico e doloroso ao mesmo tempo! A ternura de suas palavras faria lagrimejar as proprias pedras; o accentto de sua voz feria como afiada navalha, sem que quem as ouvisse pudesse sentir a profundidade do golpe! Prodigio de

amor! Via-se que em seu coração já não havia o menor ressentimento das ingratidões de seus filhos. Não era o mesmo homem de hontem; não era mais o vingador, que avido procurava saciar sua cholera no sangue das mães que o excitavam: era o pai, que, traspassado o coração por dores maiores que lhe faziam esquecer o passado, procurava a habitação cavernosa e escura, onde não luz sequer uma esperança das esperanças da vida; onde o sol se envergonha de mandar um de seus raios; onde não ha lua, estrellas, firmamento, nem astros; onde, finalmente, tudo é lodo, lama, poeira, ignominia, deshonra e infamia! Era o ser humano que levava aos lábios fétidos amargo e mo o que dera Julas ao Martyr do Golgotha poucos instantes antes de voar sua alma ao seio do Eterno. Para aquelle infeliz já não havia dores maiores: elle se achava a braços com os males os mais feios, os mais cruciantes que podem affligir a creatura humana. Desgraçado! Novo As-haverus, se achava estampado n'aquella fronte senil o estigma do juízo da lenda: a morte fugia-lhe como bravia fera aos golpes do caçador sagaz! Novo Tantalos, cercado de manjares que preparão os anjos para os martyres que soffrem a depuração de suas faltas neste mundo, o justo de hoje não se podia provar ainda, porque a vida de soffrimento se apegava aquelle corpo como a sanguessuga à carne humana! Doía n'alma ver-se aquelle miseravel homem semi-cadaver, em luta com a natureza, afim de pôr termo á historia de suas desgraças. Por fim, o espirito, mais forte do que a materia, recuperou as forças perdidas, e o desgraçado, voltando á posição primitiva, proseguio com perra voz a descripção de sua viagem ao desterro de seu filho:

« Todos estes pensamentos me annuviavam a alma, durante o trajecto que mais uma vez me fazia o homem o mais desditoso, o mais desgraçado que o céu cobre. Delirei toda a viagem, e esses delirios me trazião pesadelos horribes da realidade com que fui deparar... »

Tres ais pungentes sahirão d'alma do ancião, e bagas de suor de sangue lhe molharão o peito ornado de cabellos brancos, que a rôta camisa deixava ver.

« Puz os pés no desterro! n'aquella desgraçada terra que, em vez de meo filho a quem eu queria lancar a benção do perdão e dar o osculo paternal, me apresentou, em sua superficie, as ossadas de um desgraçado! Sobre aquelle esqueleto, ainda não consumido de todo, uma nuvem negra de corvos empoleirados completava a obra de destruição encetada pela morte.

Oh ! vinde ! vinde corações de bronze, almas petrificadas, seres desnaturados, ver como se disputa, á porfia, aquella victima ! Vinde ver a consequencia da luta travada entre o ser humano e o infortunio !... Aquelles abutres vorazes... aquelles vermes vis... juizes da grande demanda, destructão agora o objecto demandado ! Roubarão á terra mais um de seus filhos que, por ella eriado, deveria ter por ultimo jazigo o seo seio, onde repousaria eternamente ! Vede ! vede estendido sobre o duro e aspero chão do exilio, o filho da desdita, o engeitado da sorte ! Aquelles olhos onde a magia e a graça scintillam... sem vida !... sem iuz !... servem agora de fructo ao abutre, que de uma só vez os traga ! Aquelle coração, depositario de amor, essencia da vida humana, é agora dilacera-do por agudos bicos !...

Depois que lancei a vista sobre aquelle tão triste espectáculo, e tórpor-me paralyson o sangue nas veias, e, com as mãos cheias de carbões, estendi-me sobre aquelles ossos, onde permaneci longo tempo sem sentidos !

Durante o tempo que estive deitado sobre aquelle esqueleto, feito de minhas dores, o delirio me trouxe um sonho feliz : — não erão aquelles ossos de meo filho, e, lamentando ante elles as minhas desgraças, Arthur me surprehendi, abraçando-me desfeito em lagrimas, e gritando — meu pai !... meu pai !... perdoa !... perdoa a teu filho... sicario que tão fundo cravou o punhal em teu peito !

Estes gritos me acordarão ! E, como o condemnado que, entendendo-se no patibulo, levanta-se esperançoso ouvindo o clamor de salvação do povo que impede sua execução, e que nem ao menos tem tempo de ver a realidade, porque o machado do carrasco faz rolar sua cabeça ensanguentada sobre o chão do supplicio, antes do signal, — eu, me levantando, malabri os olhos, deparei com o retrato de Amelia, de minha chorada companheira, sobre as costellas do cadaver que tinha ante mim.

O sol, que já se havia posto, bruxoleou de novo em seu occaso para presidir aquella scena de miseria ; e derramou, sobre o busto macilento e inanimado de um ancião mudo e de pé ante aquella ossada, um raio frouxo de sua luz...

Dois dias permaneci n'esta posição, sem que meos labios, mesmo de leve, tocassem o menor alimento, a minima molecula d'agua. Por fim, esvasiei a mala, minha companheira de viagem, atirando alguma roupa que tinha ao monturo, e fiz d'ella — urna d'aquelles ossos, afim

de enterral-os no lugar do nascimento de Arthur, cujo
ser se cifrava n'aquelles restos. O paiz estrangeiro havia
consumido as carnes que os cobria; era mister que a ter-
ra da patria lhe guardasse os ossos! Misera!.. tivera
sorte igual á minha! »

Escola Militar.

TITO AMARAL.



Mussina

(PHANTASIA ORIENTAL)

A' U. CABRAL

Constantinopla abria os seios mornos
A's bafagens que vinham-lhe do Bosphoro,
Desenhando na sombra os seus contornos
 Envoltos na pelussia
Dos velludos de Smirna e Bagdad.

Era muito gentil a grã cidade:
Vinham-lhe aos pés as ondas de Stambul,
Santa Sophia além — os minaretes,
Ao fundo a lua sobre o golfo azul,
 No ar esse perfume
Das rosas e jasmims de Alexandria.

Que noite! — Oh! céo dos filhos de Ismael
Quão languida eras tu n'aquelle instante!
Algum judeo — um filho de Rachel —
 Quem sabe si ness'hora
Não lembrava a chorar — Jerusalem?

A Grecia... porque não ella tambem?
Phriné, Corinna — a arte, a poesia,
Lhe são constellações suaves, puras,
Mas quem sabe si não invejaria
 A noite oriental,
Os perfumes da filha do propheta?

Constantinopla a vaga te balança,
Embevecida, no ceruleo seio !
E's bella a te prender no devaneio
Das scismas languorosas,
Entre aromas da Arabia adormecendo.

.....
Foi nessa noite — ao frio estremecendo
Conchegava o roupão á forma nua,
Banhada do lascivo albor da lua
A mais linda visão de todo o Islam.

Flor talvez que das veigas de Ispahan,
Transplantada aos jardins mahometanos,
Mussina despertara aos quinze annos
Nos harens do Senhor — miseria atroz!

Supportar esse amor — amor algoz,
E esses beijos vorazes de Abdull...
Ella remira a vaga de Stambul
E no balcão debruça a fronte fria.

Suicidar-se ?.. E Alcôo ? o que seria
Do jovem grego — esse corsario Jonio?
Elle valente, um'alma de Mardonio,
Elle o pirata que cruzava os mares ?

Pobre Medora!.. e quem os teos pesares
Havia consolar no transe afflicto?
O fero eunuco, ess'alma de granito,
O pescador helleno, o nauta errante ?

Porem... é uma garça que distante
Sacóde as plumas sobre o azul da onda ?
O teu olhar — diamante de Golconda —
Mussina, porque o fitas tanto ali ?

— Alcôo !... sua corveta eu conheci !
Allah ! oh grande Allah, me ouviste o pranto !
Enisto ella despoja-se do manto,
E prostra-se ante o deos de seus avós

.....
Voemos á corveta. Em pé, a sós,
No castello de popa, um bello moço,
Tendo os cabellos negros ao pescoco
Cahidos em redor — e a tez queimada.

Des ciclões pela rábida lufada,
Dá a voz de commando aos marinheiros.
— Estamos á chegar, ó companheiros,
Eia ! mais um esforço e damos fundo.

O olhar do mancebo ia profundo
N'aza do amor á estremecida amante ;
Sentia-se agitado e vacillante
Esse leão do mar que não tremia.

No entanto a noite adeantada ia.
Envolveria os harens a solidão.
O pirata não poudé mais ter mão :
— Baixel ao mar ! gritou. Alto a corveta !

Quem não sabe Romeo e Julietta ?

.....

De manhã na poetica Stambul,
Implorando o soccorro do propheta,
Tremião todos do feroz Abul...

A perola d'Islam — creança linda —
Mussina, o que era d'ella, p'r'onde fôra ?
Dizei, dizei ó echos de Myssora,
Responde ó plaga de docura infunda !

Resvala sobre o mar — o velho athleta—
Em demanda da Grecia, uma bandeira...
E' o corsario Alcêo — vôa ligeira
A garrida corveta !



Chronica

O' vós que fostes o precursor do Messias!

Derramae sobre nossa cabeça o Jordão das vossas graças e deixae que narremos em prosa chata e chocarreira o que se passou por este mundo no mez do vosso glorioso nascimento.

..

Sabeis que outr'ora a cidade de s. Sebastião era uma cidade como ainda existem muitas pelo interior do Brazil. Não era calcada á parallelepipedos nem tinha bonde de lastão. Os porcos e as gallinhas viviam na mais santa paz com o fiscal da freguezia; comiam-lhe a couve e fegavam-lhe o ... quintal. Não existia ainda a Junta de hygiene nem a empresa Gary. O gaz, a estrada de ferro, o tunnel da Gambôa, a limpeza das praias, a *City Improvement* e tantos outros melhoramentos de que hoje nos orgulhamos— eram cousas em que nem se sonhava.

E no entanto vivia-se bem. Corria-se menos e andava-se mais. Havia mais segurança de vida, de pernas, de... tudo. As ruas eram mais limpas, bebia-se melhor agua e respirava-se um ar mais puro.

..

Nesse tempo o vosso dia era de verda leira festa popular. O rico e o pobre, o velho e a criança, o senhor e o escravo reuniam-se em torno da fogueira e ali, indistinctamente, assavam cannas e atacavam *hichas*. O busca-pé affrontava as posturas da Camara, e em plena rua tracava deudejante os seus zig-zags de fogo. A pistola e a rodinha tinham os fôros da nobreza e eram queimadas ao ar livre— na porta da frente ou no fundo do quintal.

Não se conheciam ainda as *espigas japonezas* nem as *cobras de phardó* que se queimam hoje atrás das cortinas, n'atmosfera conservadora dos salões.

Ó tempos! ó costumes!

Ó estouros! ó batatas!

..

Agora... a «onda da civilisação» inva-l -nos por todos os lados e assoberna tudo. A fogueira recu e o busca-pé vai se tornando um contrabando. O pobre já não se diverte, porque vergado ao peso do imposto mal pode sustentar o da familia. Mas não vos queixéis, ó meu santo. Ainda há quem se lembre de vós; ainda há ministros com o vosso nome.

Um delles é o Sr. João de Moura, o homem que se extasia ao ver a sorte do ovo, onde ora apparece um navio, ora um bule; o homem que não pode admittir que na Corte se chame *bicha* ao que na Bahia se denomina *traque*.

O outro é o sr Sinimbú, um verdadeiro *lord* — arrogante e grave na camara dos deputados, humilde e simplorio no senado.

Não vos queixeis, ó meu santo!

Nas altas regiões do poder ainda há quem vos louve e quem vos festeje. Ainda há quem gire a *Roda do Destino*, lance os dados e tire sortes; ainda há quem vá ver a sombra no espelho das aguas, para saber se morre ou não no decurso do anno; ainda há, finalmente, quem se lembre de Herodes e da vossa degolação.

Voltemos agora um pouco. E' mister que vos falle da queda do Sr. Leoncio, das vaias nos ministros e do assanhamento da *canalha*.

Era o 5 de Junho. Os jornaes annunciavam gente nova no governo, e a *canalha* (esta *canalha*!) encaminhava-se para a rua da Misericordia, ansiosa por ouvir a palavra do nobre presidente do Banco.

Dada a hora, abre-se a sessão.

As galerias estão cheias, e o Chronista — um pouco alheio ás tricas parlamentares — vê entrar um velho segurando duas crianças pelas mãos, e as im, com ares de quem manda, fallar:

« *Myfagundes!* Aqui vos trago os meus dois ultimos filhos — o Totonho e o Chiquinho. Como sabeis, um é de Taubaté e o outro de Chique-Chique; são bons meninos. Fazei-lhes as vontades, mesmo filhas dos *calundús*, e contae commigo e com elles. O Leoncio, depois que vestiu calças, começou a mijar-mi fora da pichorra, occupando-se do ensino livre e de outras que-tiunculas de instrucção, como se o povo necessitasse destas cousas para ser governado. Achei que era um grande desaforo, e, de accordo com o Affonso, mandei-o « por-se a pannos (*) »

São estes os es-trecimentos que julgo conveniente dar-vos. E no — mais e-tamos em familia e viva nós. »

Muito bem! dis-eram os cunha-tos, sobrinhos e genros.

(*) Valhei-nos, ó Theobaldo! Explica-nos a origem d'este dictado.

Conte então a vez do sr. Leoncio.

S. Ex. ergueu-se, não mais do seio do ministerio, porem da valla commun; e semelhante ao phantasma de que nos falla Soares do Passos no *Noivado do se-pulchro*, olhou em roda, viu a rapazia da polytechnica e disse com vóz magoada: « Meus senhores! Eu sahi do ministerio porque me alijaram, porque me trahiram! O sr. João de Moura, este bicudo que aqui vedeis, não só encamponou a *idéa-mãe*, como ainda me aconselhou a de-mittir Ignacio Galvão. Oh! foram uns perdidos; foram uns traidores! »

Em seguida fallou o sr. Affonso Celso e fallaram outros, cabendo, porém, ao sr. Joaquim Nabuco a gloria de fechar a rosca e de armar o joven ex-ministro cavalleiro da op-posição.

No dia seguinte é que foram ellas.

A *canalha* enchia de noxo as galerias, corredores e todos os escaninhos do interior da camara. Os mais *pru-dentes* quedavam-se ao largo, promptos a... disparar.

Dahi a pouco (não vos digo nada) entra o sr. Affonso Celso, e zés! chapéo pela ventra, encapellagão a Castro-Urso. Mas tambem dahi a pouco a infantaria, o bata-lhão naval, e todas as forças de mar e terra que S. Exas. queriam riscar do orçamento, desenhavam das esquinas e vinham, tristes e gangentadas, se postar em torno a camara, onde permaneceram não sabemos por quantos dias, porque...

Nunca fostes *impedido*, meu santo?

Oh! sim, já fostes! Já estivestes nos carcereis de Mac-kaur, e portanto podeis avalliar o quanto é triste e d-loroso lançar-se os olhos através de uma grade, ver-se a estrada tão limpa e tão enxuta!... e mais além a cidade com suas casas e seus morros!... lembrar-nos de que nella temos affeições que nos esperam e que não podemos sair porque nos julgam amotinados!

Oh! é triste! Porem mais triste é sem duvida alguma o papo que estão representando os apreciadores (0.99) de Ernesto Rossi, o eminente tragico que veio de pedir-se do publico fluminense e levar-lhe mais alguns contos.

A respeito destes (apreciadores) encampamos *in totum* a opinião do *Caipira*, expandida em sua 350ª carta, publicada no *Jornal do Commercio* de 27 do corrente.

O que não encampamos, por nos parecer irregular, é o modo porque o governo pretendeu acabar o conflicto Leoncio-Polytechnico-Raposo, mandando fechar as aulas por espaço de um mez.

No pé em que se achavam as cousas, a medida não podia ser mais incompleta nem mais infeliz. Não sabemos mesmo o que teve em vista o governo assim procedendo.

Acalmar os animos ?

Oh! não cremos. A effervescencia fôra muito grande para se extinguir n'um praso tão curto. Mais alguns dias, e o governo se convencerá de que nada adiantou.

E note-se que elle tem uma camara á sua disposição, da qual só não obtém o que não quer!

Pois então que faça uma cousa: se quer a todo o transe sustentar o acto do Sr. Leoncio, privando o Sr. Galvão da directoria da escola; se quer mostrar a congregação da polytechnica que « o governo é o governo » — mande, já e já, votar uma authorisação para reformar o regulamento e arranjar-o de modo que não se lhe conteste mais o direito de preencher os *cargos de confiança*.

Não tema a opposição do senado, que lá está o Sr. Affonso Celso á quem nem mesmo o Sr. Corrêa será capaz de resistir.

Podera! Elle é o netinho da casa, e os avós, por mais severos que sejam, deixam os netinhos puxar-lhes a barba, montar-lhes as pernas e mijar-lhes no collo.

Deixemos as peloticas do governo, e fallemos agora de um livro e de uma carta que temos á vista.

O livro tem por titulo — *A Philosophia no Brazil*, e é escripto em linguagem incisiva e correcta, de harmonia com os mais adiantados principios da sciencia.

Seu autor, Sylvio Romero, denomina-o simplesmente — *Ensaio critico*; mas a nosso ver elle é mais do que isto: é um estudo consciencioso e profundo de tudo o que de melhor, entre nós, se tem publicado em materia de philosophia e que muito auxiliará aos que com proveito se quizerem occupar deste objecto.

Se algumas vezes o autor maney desapiedadamente o escalpello da critica; se a cada passo dá arrhas do seu

germanismo, e busca como que urdir uma conspiração contra os escriptores da imprensa fluminense, de que hoje faz parte, são, na verdade, senões tão pequenos que desaparecem completamente ante o merito real do livro. Venham outros, e aceite o autor as nossas felicitações.

Chama-nos agora o Sr. Gaspar da Silva, o autor da *Carta de Um Emigrado*, dirigida ao Sr. Camillo Castello Branco, á proposito do seu ultimo livro — *O Cancioneiro Alegre*. Não sabemos se o leitor já ouviu fallar neste livro e muito menos se já o leu. Em todo o caso sempre lhe diremos que não passa de um acérvo de injustiças e grosserias lançadas contra muitos escriptores de incontestavel merito, tanto brasileiros como portuguezes.

Parece-nos que o fecundo romancista ao escrever aquelle libello diffamatorio do seu talento estava soffrendo de algum ataque de hydrophobia.

A *Carta de Um Emigrado*, que esperavamos ser uma refutação séria deste livro, é um opusculo de quinze paginas dedicado á sete moços desconhecidos para o Sr. Camillo, mas que, na opinião do Sr. Gaspar, representam a nova geração litteraria do Brazil, geração cheia de vida, de intelligencia, de enthusiasmo e de aspirações. Lemol-o e relemol-o com acurada attenção; porém ao chegarmos ao fim da ultima pagina sentimos um certo constrangimento e dissemos o mesmo que disse o Sr. Gaspar ao fechar o *Cancioneiro Alegre*: « Este homem traiu-nos ! Este homem ludibriou-nos ! »

Se escreve portuguez com uma correccção « que muitos bachareis formados, de lá e de cá, invejam, » no que diz respeito a critica e a refutação dá bem triste copia de si. No seu caso, em vez de dedicarmos a carta dirigida ao Sr. Camillo á sete individuos por elle desconhecidos, sem enviar-lhe os respectivos retratos, a teriamos consagrado aos sete *infantes de Lara* ou aos *sete peccados mortaes*.

Em fim; como expressão de reconhecimento de um estrangeiro para com o paiz em que foi bem acolhido, a carta do Sr. Gaspar da Silva é sobremodo lisongeira, o povo brasileiro; e nós, como parte deste povo, que ama e que preza as suas glorias, lhe agradecemos tantas finezas e o empenho que mostra para que o Sr. Camillo e outros grosseirões da sua laia conheçam melhor os nossos escriptores e façam-lhes a devida justiça.

Como producção litteraria, destinada a refutar um li-

vro do genero do *Cancioneiro* é que, tenha paciência o illustre emigrado, a sua carta nada vale, nada significa.

Desculpe-nos a franqueza, e consinta que assim terminemos esta chronica. ultima das que, por espaço de um anno, temos impingido aos leitores da *Revista*.

Acceptem estes as nossas despedidas, e aguardem o collega que nos vae substituir,

E um moço delicado, ingenuo e... hão de ver; hão de ver.

Corte, 30 de Junho de 1879.

M. V.

De conformidade com os estatutos da nossa sociedade, foram eleitos para servirem no 2º semestre do corrente anno de 1879:

Presidente—Raymundo de Souza Paes de Andrade.

Vice-Presidente—Manoel P. de Oliveira Valladão.

Orador—Licínio Athanasio Cardoso.

1º Secretario—José da Silva e Oliveira.

2º Secretario—Antonio Borges de Athayde Junior.

Thezoureiro—Candido Dulcidio Pereira.

Gerente—Manoel Corrêa de Faria.

Bibliothecario—João Paulo de Junqueira Nabuco.

Procurador—Theodorico Gonçalves Guimarães.

Commissão de Redacção da REVISTA

Lauro Nina Sodré e Silva.

Rodolpho Cardozo Pão-Brazil

José Faustino da Silva.

Lourenço Ferreira Valente do Couto.

Leopoldo Rodrigues Chaves.

Ernesto Marques Machado (adjunto)
